



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 20 de Outubro de 1979 * Ano XXXVI — N.º 929 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Eis os campos vistos da mata da nossa Aldeia de Paço de Sousa.

HINO À VIDA

Acabo de chegar da mata da nossa Aldeia, aonde as obras continuam e já semeámos uma tonelada de batatas em terreno recuperado. Para o ano, muito mais; e nos seguintes, mais. Sempre mais e melhor.

Sem ser cientista, dei no vinte e encontro-me com eles. Os jornais dizem que uma comissão de várias nacionalidades anda a estudar de como se há-de ir aos desertos buscar de comer, preocupados com o problema da natalidade — um por segundo, dizem. Ora eu cá ando. Cavar por mais largo e mais fundo. Eis.

Que ele, a bem dizer, o problema da natalidade não é nosso, nem está nas mãos dos homens, mesmo que sejam cientistas. Muito ao contrário, se estes verdadeiramente o são, logo dão fé e reconhecem que no grão de areia entra uma inteligência superior à deles, antes da deles; e quedam e perguntam e estudam — e tomam o seu lugar no conjunto universal. Ninguém desfaça o que Deus faz. Ninguém separe o que Deus junta. Ninguém se contente com o nome de Supremo Arquitecto, ainda que seja com malúsculas, como outros fazem. Aquilo é um nome e Deus é um Ser que nos chama à pedra!

Os cientistas que vão agora para os desertos em busca do pão, acertam. Assim está bem. Talvez estes, por terem já visto e medido os perigos..., hajam descoberto que o Primeiro Mandamento é o início de toda a ciência e, daí, vão cooperar com o Criador e buscar alimento para os pequeninos que chegam de segundo a segundo. Assim está certo.

Matar, não. Regular, não. Evitar, não. Tudo são fraudes e até podem ser crimes. É mais honesto, mais avisado e mais seguro cooperar com Deus nas maravilhas da Criação.

Eu cá ando. Semente à terra. Batatas. Para o próximo ano, estas e centeio. Para os seguintes, batata, centeio, laranjas e limões. Mais tarde, batatas, centeio, laranjas, limões e azeitonas. Mesmo que a ciência venha a «progredir» e os «cientistas» a multiplicar-se; e chegue a ordem à Casa do Gaiato de matar os que não prestam — eu não obedeco. Não cumpro. Amo-os mais e lanço à terra mais semente.

Padre Américo!

(In O GAIATO n.º 215, de 24/5/52)

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

Em toda a sua vida gasta ao serviço dos Pobres foi uma constante de Pai Américo agir na Igreja, com a Igreja, pela Igreja, no concreto da Sua constituição em cada lugar.

Tendo começado com o «amde lá» do Bispo que o fez Padre, nunca andou de outro modo, à margem ou às escondidas dos seus Bispos. E a morte encontrou-o a andar... e na mesma disposição de parar, aqui e agora, se fosse tal a determinação dos seus Superiores hierárquicos. «Na obediência ninguém se engana» — eis para ele ponto assente de Fé e critério fundamental de acção.

Sobretudo no Património dos Pobres, este espírito teve oportunidade de profunda e vasta incarnação. O achamento da Paróquia como o sujeito natural da Obra que o Espírito lhe inspirara, fê-lo escrever uma das suas mais belas páginas, um hino magnífico à Igreja, Mãe fecunda e inesgotável no responder às necessidades, mesmo temporais, dos Seus filhos.

E o movimento expandiu-se rapidamente em consequência deste pensamento descentralizador. «Cada Paróquia cuide dos seus Pobres» — foi a fórmula, será a fórmula mais simples da solução dos problemas sociais mais complicados.

Mas o mais importante foi o contágio da sua inquietação a párocos, a vicentinos..., a muita gente boa que andava adormecida ou se julgava impotente e descobriu em si e no seu seio recursos não sonhados — o «Ovo de Colombo».

Vão passados quase trinta anos sobre a explosão pacífica do Património dos Pobres; é, embora sob outras modalidades, o vulcão não se extinguiu. Ei-lo em actividade, a partir de corações sacerdotais em erupção, tal como se documenta nas duas cartas que aí vão:

1 — (...) «Sempre que faço algum pedido de auxílio, nun-

Cont. na 4.ª pág.

VIÚVAS

Os problemas sociais não se resolvem só com a publicação de leis. E delas há que seriam desconhecidas dos interessados, não fossem os Pobres, entre si, (precários) veículos de comunicação; motivando, isso, maiores injustiças — como tem acontecido. É a tarimba que no-lo diz.

Hoje a Comunicação é indispensável a todos os níveis. Porque se descursa, oficialmente, nos mass-media e não só, um amplo e acessível conhecimento da fruição das leis com inovações no domínio dos benefícios sociais; sendo, como somos, infelizmente, um País com tamanha percentagem de analfabetismo e semi-analfabetismo?

Outro tanto não sucede com as cargas fiscais. O que nos leva a um raciocínio nada agradável — pela discriminação.

O Pobre não vive de conversa fiada; tampouco lhe seja dado, por favor, aquilo a que por Justiça tem direito. O Pobre quer quem lhe dê a mão, quem se interesse por ele sem subterfúgios; quem supra, na medida do possível, suas carências vitais.

E o que é que a gente vê?

Um caso concreto:

É uma Viúva de oito filhos, cinco dos quais deficientes mentais irrecuperáveis. O marido, José Coelho, fora Apontador-fiscal do Fundo de Desemprego, em Paredes, de 1958 a 1961.

De 6/9/61 a 18/8/67 exerceu funções de Porteiro no Sanatório de Mont'Alto — Valongo. Trabalhou, ainda, na Indústria Têxtil, até à hora derradeira. É o beneficiário n.º 538250 da respectiva Caixa (tripeira), única mão aberta no Seguro Social, mas só com abonos de família. Ali há coração. Ali quem viva estes problemas. Ali procuram fazer Justiça aos Sem-Voz.

Ora bem. A senhora Maria da Piedade — seu nome de Baptismo — tem criado os filhos precariamente, com a nossa ajuda. E tem-se apagado ao peso.

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

VINDIMAS — Em todo o lado a época da colheita das uvas é alegre, se o espírito de entre-ajuda não estiver adormecido.

Em nossa Casa, a vindima é encarada como nos outros locais. Alegria notória na cara de todos, mas mais na dos pequenitos que andam sempre sujeitos por causa das uvas que comem...

A chuva tem dado que fazer aos vindimadores; pois com ela mal se pode trabalhar e a constipação é o prémio dos teimosos.

O vinho é muito, graças a Deus. E como a nossa vindima costuma demorar duas a três semanas, este ano vai durar muito mais por causa da chuva.

O Serafim anda por lá a orientar e no vai-vem com o tractor. Os «Batatinhas» apanham os bagos caídos do chão, enquanto os mais velhos vão colhendo.

O sr. Lopes é o encarregado de passar o vinho do lagar para as cubas e, também, de fazer o apreciado bagaço, no fim da colheita.

Tem reinado, cá por Casa, repetimos, um clima de boa disposição. E pelas vossas vindimas como é?

ANO ESCOLAR — Está a começar mais um ano escolar. Eu digo começar porque, no momento em que escrevo, 9 de Outubro, ainda ninguém da nossa Casa e dos cursos secundários iniciou o seu ano lectivo.

Começa mais tarde, como sempre! Para a Primária já há aulas.

Logo a seguir ao pequeno-almoço, os pequenos, já de pasta na mão, vão para as escolas. Uns alegres, outros a pensar que não fizeram os deveres, nem têm coragem de enfrentar o novo dia escolar.

Em baixo é o Defensor de Jesus mai-la Fernanda. Ao lado, Adriano Mota e esposa.

Mais dois jovens casais nascidos da Obra da Rua.



Os telescolistas já andam com revisões, pois só dia 15 de Outubro principia a transmissão das lições TV.

Os nocturnos também aguardam que as aulas comecem, pois a data afixada foi alterada e não sabemos ainda ao certo quando principiarão. É mais um ano de muita actividade e trabalho, uma vez que a nossa mála está a encarrear mais pelo estudo nocturno, que, apesar de tudo, tem sido bastante positivo.

Oxalá as aulas comecem em breve, mesmo a sério, e não com duas ou três disciplinas porque para as restantes «não há professores»...

MUDANÇAS — Também mudaram as fachtinas anuais e as semanais.

Aqueles que fizeram a Telescola, e têm já 16 anos, escolheram uma oficina onde aprenderão o que quiserem desde que tenham veia e vontade.

Outros, que ainda estão a frequentar a Primária e Telescola, ocuparam alguns lugares importantes para o funcionamento da nossa cozinha, copa e refeitório.

Começa mais um ano (que é sempre monótono quando não se leva de cabeça erguida) e o trabalho dos nossos estudantes e trabalhadores há-de dar sinais de vida.

FESTIVAL DESPORTIVO VINDIMAS/79 — Realizou-se entre os dias 15 e 29 de Setembro, em nossa Casa, um convívio desportivo que contou com a presença de mais de 500 atletas de povoações vizinhas.

É o maior Festival Desportivo que organizamos durante o ano. Tem o título de Festival Desportivo Vindimas/79, porque é feito na época das vindimas.

Só para se conseguirem medalhas para os atletas vencedores foi preciso muito trabalho e ajuda.

A nossa organização tenta ser o mais correcta possível; mas como ninguém é perfeito, também tem os seus pontos fracos.

Todas as provas foram disputadas com muito nível e camaradagem, o que conta afinal.

No fim do Festival houve a entrega dos prémios aos atletas melhor classificados. E foram tantos! O recinto escolhido foi o largo fronteiro à adega, realmente um bom local se não fosse o pó... Os nossos holofotes foram distribuídos pelos quatro cantos do recinto.

O nosso Conjunto Musical abrilhantou a noite de encerramento do Festival.

Fizemos o convite ao Conjunto «Luna 5», de Guedix, que não pôde estar presente. Da mesma forma, também o Rancho Folclórico do Centro Cultural de Cete recebeu convite, mas como estavam de luto pela morte de um dos seus elementos, não pôde vir.

Pedimos, então, ao Rancho Folclórico de Paço de Sousa, que se aprontou a colaborar.

Um obrigado a todos os componentes do Rancho de Paço de Sousa pela brilhante actuação e pela animação que souberam dar à festa.

Apareceu muita gente, que soube da «noitada», para aplaudir as equipas melhor classificadas.

Felicitemos quantos participaram neste Festival Desportivo e todos quantos nos apoiaram nesta iniciativa, que desejamos sempre melhor e que reuna muitos mais atletas.

As provas deste Festival Desportivo Vindimas/79 foram as seguintes: Atletismo, salto em altura, natação, damas e ténis de mesa.

Classificação Geral Individual — 1.º Álvaro Candeias, Gaiato, com 31 pontos; 2.º Manuel Dias, Unidos ao Sousa, 30; 3.º Zéquita, Grupo Juvenil de Cete, 21 pontos.

Classificação por equipas: — 1.º Desportivo do Gaiato com 167 pontos; 2.º Unidos ao Sousa, 69; 3.º Molas Aba, 48; 4.º Grupo Juvenil de Cete, 36; 5.º Lusitano Clube da Retorta, 31; 6.º Cavadas, 26; 7.º G. D. Sta. Luzia, 25; Lagares com 6 e Rebordosa com 1 ponto.

O nosso agradecimento muito especial à Direcção Geral de Desportos, que mais uma vez nos deu a sua preciosa colaboração, sem a qual seria impossível realizar um festival desta envergadura.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

As mãos do recoveiro dos Pobres vêm dar os milhentos problemas e carências de que eles, os Pobres, são vítimas. E a gente compreende porquê. O mundo ocupa-se dos seus negócios, dos seus amigos, das suas reuniões, das suas políticas...

● Uma Viúva angustiada. Mulher digna que, de muito jovem, con-

segue, de cabeça erguida, com muito trabalho e grande sacrifício, criar um rancho de filhos.

Vinha, exactamente, por um deles; um dos mais novos. O moço fora vítima de uma burla da entidade patronal! Ingenuamente, queria fazer de nós seu «advogado».

— Já que V. não pode..., com'heide fazer?

Indicámos vários caminhos; e ela, mai-lo filho, que decidissem o melhor — até lhes ser feita Justiça.

Como é possível, nos dias d'hoje, comer o suor de quem trabalha!?

● Um casal jovem. Ele trabalha por lá; ela é dona de casa e anda aos dias, também. Meteram-se na grande aventura de erguer uma casa, desde os caboucos, pelas suas mãos. Todas as horas livres aplicadas nesta loucura, que não é mais do que a conquista de um direito que deveria ser de todos — e não é.

Foram ao extremo da penúria!! Um casal jovem com aparência de meia idade — faces marcadas pela heróicidade!

— Estamos muito aflitos! Vejam lá se nos podem botar a mão...

— Como está a moradia?, inquirimos.

— Já tem placa, pra mor de receber a armação... Mas a gente precisamos d'ir pra lá..., quanto antes!

São os filhos... A falta de moradias. O peso das rendas. A subida em flecha do custo de vida.

Botámos a mão, sim senhor. Foram uns contos de réis.

Dormiram melhor, aquela noite. E deram graças a Deus.

PARTILHA — Muitas ofertas que a gente recebe para os Pobres, são dadas com muito sacrifício. E são: de trabalhadores, donas de casa, viúvas — e de Pobres, também!

A nossa frente passa um donativo, de 200\$00, da rua da Lapa (Lisboa), pela mão de uma senhora idosa: «*Enquanto estiver a trabalhar* — sublinha ela — *mandarei sempre*». Um compromisso pessoal!

E que dizer da assinante que foi do Seixal, ora em Paço de Arcos? Desta feita são três notas subtraídas ao seu vencimento. Há quanto tempo, meu Deus!

Outrotanto de Ipanema — Rio de Janeiro (Brasil). Eis a nota que devemos assinalar: «*Que Deus tenha em paz a sua alma*».

Mais 100\$00 de Massarelos (Porto), presença muito regular. Cinco vezes mais da rua Sá da Bandeira — Porto. Assim confirmamos a recepção.

Outra vez Porto, rua Augusto Gil, com 200\$00, de Agosto e Setembro. Alto lá! Temos um postal da Capital que não podemos deixar de transcrever. Ora leiam:

«*Seguiu hoje, dia de S. Vicente de Paulo, 1.600\$00, dinheiro que recebi (com mais uns picos) sem estar à espera dele (aumento ao subsídio de férias)*».

Empreguem a quantia na Conferência do SS. Nome de Jesus para a necessidade que acharem maior (não tendo, hoje, excepcionalmente, preferência em vista).

É consócia vicentina; do mesmo barco e das mesmas redes. Ficamos

deleitados quando aparecem recoveiros dos Pobres!

Mais uma nota da rua dos Combatentes da Grande Guerra, Coimbra, «*por alma dos meus Pais e pedindo uma oração*».

Sufrágios cristãos; sem velas, nem flores. A Oração é que é. Tudo o mais — pó, cinza, nada. Que lição!

Maria Antonieta, de algures, passa por cá — como outras — e não deixa de se lembrar dos Pobres, com 200\$00. O mesmo, de Lisboa, repetindo a dose. Por fim, 300\$00 de Santarém, cujo nome conhecemos há muitos anos. E Deus permita que por muitos mais.

«*Uma portuense qualquer*» entrega 200\$00, no Espelho da Moda, «*migalhinha referente ao mês de Setembro*». E temos, por fim, mais outra, de 150\$00, da assinante 19177, com uma promessa: «*Até ao mês que vem, se Deus quiser*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

FUTEBOL — Já há tempos que ouvia, dá por Casa, um pequeno zum zum entre os Rapazes que trabalham no sector primário (campo) e os do sector secundário (oficinas).

A discussão, segundo me consta, consistia em saber qual dos dois sectores possuía melhor lote de jogadores, em técnica, no domínio do esférico e, sobretudo, quem tem vindo a praticar melhor futebol no pelado do nosso campo, mais conhecido pelo «Estádio dos Pitosporos».

Como a discussão não parasse, surgiu então uma organização mista, composta por elementos representantes da «reforma agrária» e das respectivas oficinas, com vista à organização dum desafio de futebol, a fim de pôr termo à discussão. Marcado o encontro para o dia 15/9, os convocados das respectivas turmas começaram a sua intensa preparação. Os do campo foram guiados pelo seu orientador técnico, primeiro responsável da quinta. Entretanto os das oficinas dedicavam-se aos treinos, confiando no auto-domínio e nas suas possibilidades, dado o seu cartel ser constituído por *craks* da bola.

O encontro era aguardado com enorme expectativa pelos adeptos das respectivas turmas. Assim, no dia marcado, momentos antes do encontro, o «estádio» apresentava-se repleto e com grande emoção. Os adeptos munidos de latas, paus e bandeiras, fazendo barulheira infernal, esperavam impacientes o momento da subida das equipas ao pelado.

Arrumadas as equipas dentro do rectângulo, coube aos da «reforma agrária» o pontapé de saída. Começou o jogo... Os camponeses, apoiados pelo seu público, munidos de calfaias agrícolas, começaram a lavrar, perdão, a invadir o meio campo adversário, instalando-se nele. Aproveitando a rapidez dos seus extremos, estiveram perto



VIÚVAS

Cont. da 1.ª pág.

da cruz, pois nem todos os seus doentes estão internados.

Quem seria capaz de sofrer o que ela tem sofrido — e sofre?!

Em Abril de 1977, compungidos com a situação dela — não é um escândalo ser forçada a estender a mão? — perguntámos se tomara conhecimento do célebre «Despacho de 14/11/74», que beneficiaria todas as Viúvas cujos maridos pouco ou quase nada descontaram para a Previdência. Que não. «Só óspois é que soube...» — disse. Só depois do malfadado prazo terminado. E

do golo; só não aconteceu porque os das oficinas tiveram um extraordinário defesa central, o «Cebola», que estava sempre em cima do lance, cortando para fora os tentos mais perigosos; não esquecendo o excelente guarda-redes que, totalmente atento à bola, se atirava em autêntico voo sobre o ângulo de remate — um espanto!... Os camponeses, evidenciados, produzem melhor futebol; os defesas iam safando aqui e acolá; enfim, «fazendo das tripas coração», como se costuma dizer.

Então os oficiais, apercebendo-se do perigo que ameaçava a sua baliza, partiram para o ataque, com supremacia atlética, originando uma goleada a todo o gás. Era vê-los entrar e a contagem (12-2) a favor dos oficiais terminou com o apito final do árbitro da partida.

Foi uma lição para os camponeses. Para a outra vez não levantam certamente o cachimbo. Todavia, jogos desta natureza não passam de um simples passatempo. Não há vencedores nem vencidos; somos uma Família bem ca-



O Luis Miguel — do Tojal — também participou no desafio...

racterizada no ar sorridente do Luis Miguel que se dispôs a matar a sede aos seus Irmãos.

Adérito

não admira, pois não tem tempo, nem vida, nem cultura, nem nada para andar por lá. Oito filhos, cinco dos quais deficientes mentais...!

Estes Despachos a prazo, nos domínios do Seguro Social, são brincadeiras de mau gosto. Contestámos oportunamente. No caso vertente, e em muitos outros não quantificados, provocam maiores injustiças, como é óbvio. Prova concreta de que os legisladores nem sempre conhecem o País real.

Em 18 de Abril de 1977 escrevemos à Caixa Nacional de Pensões. Responde a 15 de Junho com uma negativa, pois o beneficiário «só apresenta descontos de 8/67 a 2/70». Estava o célebre Despacho revogado — como, aliás, já sabíamos.

Então, lamentámos em O GAIATO a miopia oficial. Chega uma ressonância amiga de um núcleo de Funcionárias da Acção Médico-Social de uma Caixa do sul. Por suas mãos mexeram-se por muitos lados. Nada! Já tinham dado a sentença de morte.

Entretanto, por um Amigo, tomámos conhecimento da publicação dos Decretos-Lei 134/79,

191-A/79 e 191-B/79, relativos ao funcionalismo público e administrativo. Como prevíamos, a senhora Piedade desconheceria a legislação pela qual poderá vir a receber, finalmente, pensão de sobrevivência — que o marido, repetimos, fora Apondador-fiscal do Funda de Desemprego. Escrevemos, a seu rogo, para a Caixa Geral de Aposentações no dia 16 de Julho do ano em curso. Que Dia!

Hoje, a Viúva bate à nossa porta. Traz na mão a resposta: ofício e inquérito. Vem derreda. Pede um cadeira. Senta-se. Respira fundo. — «Arrecebi esta carta. Veja lá...»

Esclarecemos a nossa ousadia: ter escrito à Caixa, a seu rogo, por jamais vir a saber das leis. — «Ai que bom! A gente é pena ter o direito e... não arreceber, pois é?»

Sem revolta. Sem palavras azedas. Sem barulho!

Preenchemos o inquérito. Mas, apesar de ser facultativa a indicação do número de contribuinte ou subscritor da(s) Caixa(s), preferimos colher um certificado de funções do marido, no Fundo de Desemprego, para se evi-

A Verdade e a Mentira

Neste tempo do Outono em que os frutos dos campos são colhidos, também para nós é o tempo mais indicado para acolhermos «frutos abandonados» da nossa terra...

Recebemos alguns rapazes do Sul e do Norte. Um deles é do Porto. Chama-se Armando, até ver, mas já ouvi rumores de uma alcunhazita. Chegou-nos no meio de lágrimas, trazido por uma senhora do Hospital Magalhães Lemos. Não se conformava que teria que ficar connosco — um mundo desconhecido para ele — conhecendo, já, alguns pormenores da nossa vida. Consigo, ficou apenas um saquinho de rebuçados e chocolates — seu pequeno mundo conhecido para partilhar... Aos dois primeiros — também novos como ele — que dele se aproximaram, disse, ainda a soluçar: — «Que-reis rebuçados?»

Aquela mãozita pequena, se mais abarcara, mais daria... E os olhos molhados ficaram secos no diálogo do dar e do receber! E o desejo de partilhar também da nossa vida de trabalho foi quase simultâneo ao seu gesto simples e profundo de partilhar... Pediu que o deixássemos trabalhar... Que lhe tinham dito que no primeiro e segundo dias não era costum-

me trabalhar quem viesse de novo. Pois é assim; mas ele não aceitou tal costume... E, naquela tarde, a padiola e o companheiro assustaram-se! Houve reclamações de parte a parte e, hoje, tudo é mais calmo.

Ele já sabia que a nossa Casa não era um «colégio onde há muitas bicicletas e carrinhos para os meninos se distraírem todo o dia» — como pensavam outros seus colegas, chegados de novo. Alguém lhes mentiu — com ou sem intenção, não importa — e eles, para além de tudo o mais, sentiram alguma frustração... Só? Vamos a ver.

É um erro mentir para aliciar os rapazes que precisam de vir para a nossa Casa. Também temos bicicletas, mas passam trezentos e sessenta dias na oficina ou encostadas a um canto! Temos coisas e actividades tão e mais importantes que as bicicletas!...

A verdade é uma defesa e a mentira, uma acusação. Não mintamos às crianças, não? Algumas já nascem tão cheias de mentira e falta de amor, que é difícil descobrir-lhes a sua verdade.

Só a nossa verdade as ajudará!...

Padre Moura

tar o tradicional vai-vem das repartições...

Pegamos no telefone. Discamos Paredes; depois Penafiel. Que não era ali, informaram — mas no Porto. Ligamos ao Porto. Um Funcionário do Fundo de Desemprego promete mandar o documento directamente à senhora Piedade, para instrução do processo.

Ela despede-se de nós com outra cara, d'olhos alegres. E com Mensagem divina, com a Mensagem dos Pobres: — «Sempre fé em Deus! Enquanto há vida, há Esperança...»

Quem diria melhor?!

Assim ela venha a receber, agora, o que deveria ter desde que enviou.

Júlio Mendes

ORDINS

Já deveríamos ter dado notícias de Ordins! Mas a falta de disposição e o pouco jeito para escrever, levaram a este atraso.

Se algum artigo escrevemos, é pela necessidade que têm os Pobres do vosso auxílio, carecidos de muitas coisas. E, da maneira que as coisas estão, cada vez pior!

O doente a quem se deu o carro, teve um acidente! Está hospitalizado, com uma perna fracturada.

O outro doente tem dias melhores, outros piores; mas não o podemos abandonar.

Agradecemos, directamente, a todos os que atenderam o nosso apelo. Só não agradecemos, ainda, os donativos recebidos por intermédio das Casas do Gaiato de Paço de Sousa e Santo Antão do Tojal com 8.000\$00 e 1.000\$00, respectivamente.

Cada presença deu conforme as suas possibilidades. E são estas as terras donde vieram os

donativos: Braga, Lisboa, Fiães, Ovar, Caramulo, Porto, Mem Martins, Covilhã, Braga, Febres, Penafiel, Paço de Arcos, Montemor-o-Velho, V. N. Famalicão, Alijó, Longa, Campo de Besteiros, Ílhavo, Linda-a-Velha, Alcobaça, Barreiro, V. N. Gaia, Águeda, Anadia, Santarém, Oledo, Mangualde e Monte Real. De um ou outro lado, mais do que uma oferta.

Disseram de Lisboa:

«Todos precisamos da ajuda de Deus. Mas, naturalmente, é nosso dever ajudar os que mais precisam.»

Há muitos óbulos da viúva. Outros que enviam suas migalhas mensalmente.

Não esquecemos de rezar por todos os que ajudam os Pobres, principalmente pelos que pedem as nossas orações. O Senhor os atenda e preste a todos o Seu auxílio.

Maria Augusta

Eu queria...

Eu queria contar
Uma história alegre
Dum menino que sorria...

Eu queria contar
Uma triste história
Dum menino que chorava...

Eu queria
Que uma criança
Brincasse, corresse, saltasse...

Eu queria
Que o choro sentido
Dum menino sem abrigo
Fosse ouvido...

Eu queria
Que uma criança fosse feliz.
Que houvesse flores num jardim...

Eu queria que uma criança chorasse
E esperasse
Um futuro lindo
Cheio de luz...

Eu queria que uma criança
Vivesse
Feliz ou mesmo triste!

Eu queria...
Que essa criança fosse eu!

Joaquim José de Jesus («Lita»)

(Um «POEMA DE UM MENINO QUE NÃO NASCEU»)

Desperdício

Venho da nossa farmácia. Mais um pequenino raid na tentativa de arrumar a avalanche de remédios que constantemente aí dá. Ela de pessoas singulares; ela de amostras médicas; ela de Caixas aonde os doentes vão e tomam o remédio receitado duas ou três vezes e deixam o resto inútil. O que por aí vai de desperdício neste sector, neste País onde tudo quanto puder ser poupado, deve sê-lo! Que fortunas não gastam os laboratórios na propaganda dos seus produtos, em larga escala concorrentes de outros exactamente afins produzidos no laboratório vizinho!

Porque se não dividem os produtos realmente necessários pelas várias empresas produtoras e cada qual fabrica os seus? Nem se poderá dizer que a falta de concorrência desestimula a qualidade da produção, porque suponho que os produtos farmacêuticos são fiscalizados rigorosamente; e, se não, deviam sê-lo, pois não é admissível que se brinque com a saúde do Povo.

Depois é a moda! Duas fórmulas iguais, às vezes até a mesma dosagem dos componentes, só que de diferentes laboratórios... Pois uma é que é! Essa é que toda gente conhece. Essa é que é receitada maciçamente. A outra, as outras..., não prestam. Até há doentes a quem fazem mal!! Assim se explora a capacidade de sugestão do respeitável público, em vez de se promover a sua educação.

Ora eu estou a fugir do meu problema que consiste num stock de fármacos avaliado em centenas de contos e não saber que lhes fazer. Pois para que nos servem tantos tranquilizantes e ansiolíticos, quase todos os produtos do foro cardíaco, todos os do foro ginecológico, muitos para o aparelho digestivo e para o locomotor...? Em todas as nossas Casas a abundância é a regra. Em instituições semelhantes, mesmo para a terceira idade, também. Que lhes fazer? Enterrá-los...?

Para quem tem a consciência aberta ao social, o excesso é quase tão penoso como a penúria. Lembrarmo-nos de que entre nós há tanta gente ainda para quem a doença e a farmácia constituem gravoso problema económico! Lembrarmo-nos de que por esse mundo além, nomeadamente no vasto terceiro mundo, de que somos ainda testemunhas de presença, a «fome» de medicamentos é

imensa tal como a de pão e vestuário! Quem pode sofrer como recurso a inutilização?! Ah! como são ainda restritos e entupidos os circuitos das relações entre os homens, mesmo no que respeita às suas necessidades essenciais!

Depois, ainda dentro da sensibilidade ao social, o que nos faz sofrer este desequilíbrio de carência-excesso, de dispêndio inválido, de verdadeiro prejuízo para a economia do País! A contradição de termos em casa um valor real que efectivamente nada vale, porque nem é negociável nem o queríamos negociar, nem somos sequer capazes de o fazer chegar graciosamente às mãos de

tantos a quem seria útil! A contradição de, afinal, entre tantos produtos que por aí envelhecem em vão, termos muitas vezes de comprar aqueles de que verdadeiramente necessitamos: antibióticos, tónicos, xaropes, anti-gripais, vermífugos, vitaminas, bálsamos, para anginas...

Penso bem que só numa disciplina austera de produção se pode encontrar o equilíbrio razoável na utilização. O suficiente sim. A demasia nunca. E os interesses porventura atingidos, encontrariam em outras formas de trabalho a sua compensação.

Padre Carlos

Carta de Carianga (Angola)

Queridos Irmãos:

As saudades são bastantes!

Nós, os filhos da Carianga, encontramos-nos de óptima saúde, graças a Deus.

Continuamos a trabalhar com bastante força, pois só com o trabalho se faz um mundo feliz.

A distância que nos separa é longa, longa, mas isso não impede que nós, filhos da Obra da Rua, continuemos a ter dentro de nós o espírito de verdadeiros irmãos.

Temos connosco o sr. Padre José Maria, que nos ajuda a lutar contra imensas dificuldades da vida. Estamos certos de que, se Deus quiser, venceremos essas dificuldades.

Vamos esquecer tudo o que se passou em nossas Casas... Estamos convictos de que, qualquer dia, voltaremos ao nosso antigo Lar.

Estou muito agradecido pela viola que me arranjaram. Preciso também dum pequeno gravador, para gravar algumas músicas da Missa. Peço desculpa de pedir isso tudo, mas as dificuldades, aqui, são bastantes.

Vou dar por terminada esta pobre carta com muitas saudades. Para todos os gaiatos e continuadores da Obra maravilhosa de Pai Américo, o meu sincero abraço. E também para todos os que ajudam à nossa Obra.

«Primo Velho»

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

Cont. da 1.ª pág.

ca o faço sem ver a obra em andamento e já a caminhar para o telhado. Foi assim com F. Segundo ele me disse, em princípios de Outubro terá a obra quase pronta e já conta ir lá recolher-se.

E agora um desabafo. Fala-se tanto em habitação e as autoridades põem tantos obstáculos! Aqui na paróquia tantos querem construir, têm terreno... e não os deixam fazer o arroteamento. Haja mais li-

berdade e atenção ao Povo. Teremos de ir para construções clandestinas, como se tem feito em tantas partes? Todas as paróquias crescem em fogos e esta fica como há dez anos. Não haverá qualquer maneira de acabar com estes entraves? Sofremos todos. Muitos querem casar e não podem. Outros que têm casas, abusam das rendas. Estamos a viver uma hora de confusão.

Toque o assunto no seu jornal, para não esmorecer o entusiasmo pelas construções em

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Aqui temos mais uma coluna de novos assinantes! São presenças do mundo lusitano. São cartas espumantes. Até aquelas que nada dizem, trazem lá no peito um Fogo sagrado que só Deus sabe.

No meio da procissão vai um grupo de apaixonados, de mangas arregaçadas. Motivam gente de todos os quadrantes. Em reunião de amigos, no café, no cinema, na praça pública, em todo o lado. Apaixonados! Ninguém lhes resiste... Até mesmo aqueles que se negam ao objectivo visado, ficam com certeza a remoer. E alguns — temos notado — vêm ao depois, por aí fora, pelo seu punho, alistar-se na Família de O GAIATO!

Outros ainda — aparecem com frequência — tomaram o gosto, dir-se-ia por casualidade. E pronto:

«Li, há dias, um exemplar de O GAIATO, o de 25 de Agosto, e gostei muito. Sou professora e interesse-me muito pelas crianças. Gostava de ser assinante.»

Aquele pretérito («gostava») é um presente. E segue mais um exemplar do Famoso para Porto de Mós.

Ainda dentro deste grupo que se nos dirige sem muletas, há os que tomaram o gosto mas, entretanto, por qualquer motivo, largaram O GAIATO. Um dia, porém, em momento de reflexão — a quantos assim tem acontecido! — tornam pelo seu pé ao nosso convívio. É o caso, por exemplo, de uma Fátima das Minas de S. Domingos:

«Já há muito tempo sinto vontade de escrever a V. Sou

retornada e, em Angola, era leitora assídua de O GAIATO. Desde que as circunstâncias me obrigaram a voltar à minha terra, tenho procurado, sem sucesso, encontrar à venda exemplares de O GAIATO ou simplesmente alguém que me soubesse informar. Resolvi-me, pois, a escrever para aí a fim de que me informem se poderia fazer uma assinatura e, enfim, as condições, o que me agradaria bastante.»

Agora, vem lá uma imagem global da procissão. Tanta gente! São portugueses de cá e de lá. Dispersos por todo o mundo. Ou não fôssemos nós, os portugueses, verdadeiros cidadãos do mundo. Só é pena sermos tão míopes no pequeno rectângulo onde nascemos... Mas isso é outra história, que tem muito a ver com a nossa História!

Mais assinantes de Amaranthe, Ovar, V. N. de Gaia, Areosa, Cacém, S. João da Pesqueira, Barroselas, Coimbra, Quarteira, Torres Vedras, Paredes, Perofilho (Santarém), Miranda do Corvo, Pontével, Resende, Rio Tinto, Penafiel, Beja, Matosinhos, Arganil, Cortegaça, Murto, Lagoa (Algarve), Vilar do Paraíso, Nazaré, Tomar, Febres, Santa Iria de Azoia, Queluz, Belas, Odiveias, Almada, Covilhã, Óbidos, Espinho, Idanha-a-Nova, S. João da Madeira, Guilhufe (Penafiel), Monte Estoril, Alfragide, Gouveia, Barreiro, Chaves, Porto e Lisboa um rol deles.

Além fronteiras: Negage (Angola), Caracas (Venezuela), Londres (Inglaterra) e S. Paulo (Brasil).

Júlio Mendes

nosso concelho, pois em outros não nos consta que façam como aqui.»

2 — «F. e M. queriam casar. E sonhavam com uma casinha sua. E a coisa proporcionou-se. De sociedade com um irmão dela, compraram uma antiga e boa vacaria, agora fechada, mas bem cobertinha e vedada, por 700.000\$00. Dividida a meio, vai dar duas ricas casinhas de r/c, podendo um dia pôr-lhes um andar porque um é trolha e o outro carpinteiro.

F. tem 26 anos, já casou e já lá vive, tendo feito as devidas adaptações. E vive muito contente no que é seu! Ganha 7.500\$00. Deve 200.000\$00 a

12% e 15%. Tinha 160.000\$00. Suponho que está nas condições de obter ajuda do Património dos Pobres.

A casa não foi feita dos alcerces porque souberam tirar partido. Já lá fui e até me senti bem. Boa cozinha, sala, quarto de banho, quarto de dormir, pequenina despensa no fundo do corredor e ao lado arrecadações. Ainda um quarto que ela tornou sala de costura pois que é tecedeira.»

Dois Párocos. Duas expressões diferentes. E uma mesma comunhão dos dois Pastores, tão saborosa, tão sentida!

Padre Carlos



Gaiato

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 37.800 exemplares